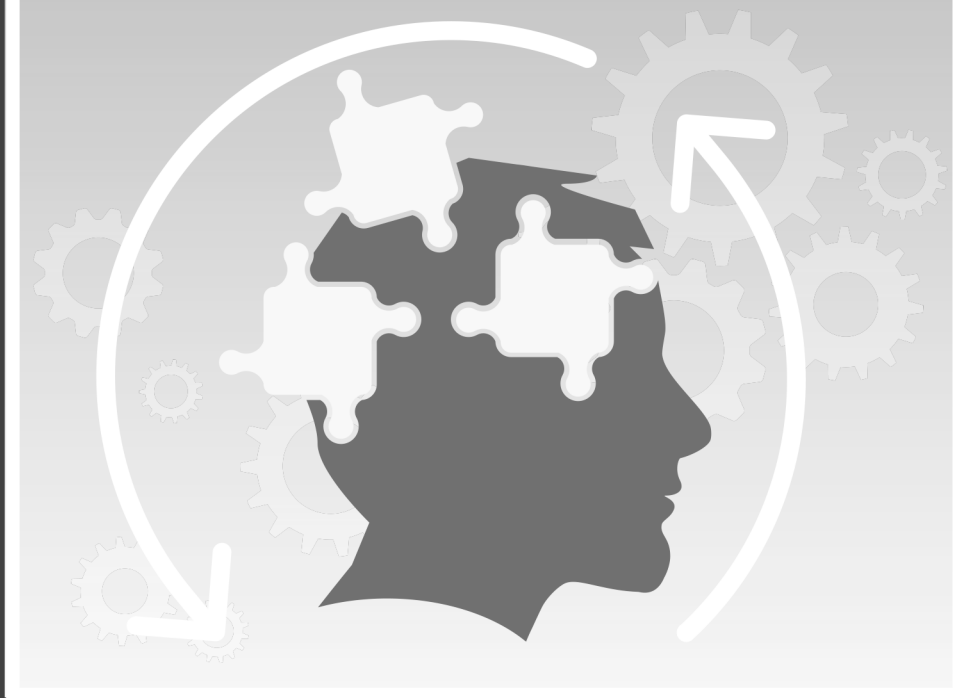


Letras e Linguística: Estrutura e Funcionamento 2

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

**Atena**
Editora
Ano 2020



Letras e Linguística:
Estrutura e
Funcionamento 2

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

L649 Letras e linguística [recurso eletrônico] : estrutura e funcionamento 2 / Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-449-8

DOI 10.22533/at.ed.498200610

1. Letras – Pesquisa. 2. Linguística. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de.

CDD 410

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Em **LETRAS E LINGUÍSTICA: ESTRUTURA E FUNCIONALISMO – VOL. II**, coletânea de dezoito capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, se faz presente discussões de temáticas que circundam a grande área das Letras a partir de diálogos com suas subáreas e demais áreas das Humanidades.

Temos, nesse segundo volume, quatro grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações, nelas estão debates que circundam linguística e discurso; novas tecnologias; ensino de língua inglesa; LIBRAS e realidade surda.

Linguística e discurso traz análises relevantes como movimentos parafrásticos e polissêmicos, pronomes, gênero textual, ensino de gramática e discursos, seja o religioso, o médico ou o jurídico.

Em novas tecnologias são verificadas contribuições que versam sobre representações, argumentação em blogs, ambientes virtuais de aprendizagem e ensino médio presencial mediado por tecnologias.

Em ensino de língua inglesa são encontradas questões relativas a ludicidade, desenvolvimento e falantes nativos.

LIBRAS e realidade surda enfatiza abordagens sobre estratégias de aprendizagem de LIBRAS como segunda língua e atendimentos realizados para surdos na fonoaudiologia, precisamente na Clínica de Fonoaudiologia da UNICAP, Pernambuco.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

MOVIMENTOS PARAFRÁSTICOS E POLISSÊMICOS NA DISCURSIVIZAÇÃO SOBRE SUJEITO E IDENTIDADE

Maria Deusa Brito de Sousa Apinagé

Janete Silva dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.4982006101

CAPÍTULO 2..... 10

O EMPREGO DO PRONOME OBLÍQUO ÁTONO PROCLÍTICO À LUZ DA SOCIOLINGUÍSTICA

Carla Barcelos Nogueira Soares

Gisele Manhães do Couto

Eliana Crispim F. Luquetti

DOI 10.22533/at.ed.4982006102

CAPÍTULO 3..... 24

A REPRESENTATIVIDADE DO GÊNERO TEXTUAL CAUSO GAUCHESCO NOS LIVROS DIDÁTICOS DO PNLD

Silvio Luis Sobral de Oliveira

Mateus da Rosa Pereira

DOI 10.22533/at.ed.4982006103

CAPÍTULO 4..... 31

A CONTRIBUIÇÃO DE BAKHTIN PARA O ENSINO DA GRAMÁTICA

Jéssica Duarte de Souza

Camila de Araújo Beraldo Ludovice

DOI 10.22533/at.ed.4982006104

CAPÍTULO 5..... 43

FORMAS DE LEGITIMAÇÃO DE PODER: DISCURSO E IDEOLOGIA NO DISCURSO RELIGIOSO

Josicarla Gomes de Mendonça

DOI 10.22533/at.ed.4982006105

CAPÍTULO 6..... 53

O DISCURSO MÉDICO E O MONSTRO: SENTIDOS DE SAÚDE E CORPO PELA CIRURGIA BARIÁTRICA

Thaís Silva Marinheiro de Paula

Soraya Maria Romano Pacífico

DOI 10.22533/at.ed.4982006106

CAPÍTULO 7..... 70

DISCURSO JURÍDICO CONTEMPORÂNEO: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O ERUDITO E O FILOSÓFICO

Alexandre Luís Gonzaga

DOI 10.22533/at.ed.4982006107

CAPÍTULO 8	83
EU VOS <i>ORDENO</i> MARIDO E MULHER! A MEMÓRIA DISCURSIVA NO DILEMA DA UNIÃO CIVIL NO ESTADO BRASILEIRO	
Everaldo dos Santos Mendes Marildo de Oliveira Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.4982006108	
CAPÍTULO 9	102
DA CONTESTAÇÃO POR DIREITOS DA MULHER NO SÉCULO XIX: AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO DE NÍSIA FLORESTA	
Erika Caroline de Oliveira Cavalcanti	
DOI 10.22533/at.ed.4982006109	
CAPÍTULO 10	111
APROPRIAÇÃO DO DISCURSO SOBRE AS NOVAS TECNOLOGIAS: IMBRICAMENTO DE REPRESENTAÇÕES	
Silvelena Cosmo Dias	
DOI 10.22533/at.ed.49820061010	
CAPÍTULO 11	121
ARGUMENTAÇÃO EM BLOGS: CONTRADIÇÃO E RESISTÊNCIA NOS DISCURSOS SOBRE CELULAR NA ESCOLA	
Maria Aparecida de Souza Carvalho Soraya Maria Romano Pacífico	
DOI 10.22533/at.ed.49820061011	
CAPÍTULO 12	131
MODOS DE SUBJETIVAÇÃO NOS AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM: O PROFESSOR DA ERA DIGITAL	
Daniella de Almeida Santos Ferreira de Menezes	
DOI 10.22533/at.ed.49820061012	
CAPÍTULO 13	141
O ENSINO MÉDIO PRESENCIAL MEDIADO POR TECNOLOGIA NA ESCOLA ESTADUAL SANTA RITA NA ZONA URBANA DO MUNICÍPIO DE JAPURÁ-AM	
Ricélia dos Santos Solart	
DOI 10.22533/at.ed.49820061013	
CAPÍTULO 14	159
AS CONTRIBUIÇÕES DA LUDICIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA FONOLOGICA NO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NA EJA	
Amanda Stanislawski Reche Claudia Marchese Winfield	
DOI 10.22533/at.ed.49820061014	
CAPÍTULO 15	164
LICENCIATURA EM LETRAS INGLÊS: VEREDAS PERCORRIDAS DA CHEGADA AO	

ENSINO SUPERIOR À IMPLEMENTAÇÃO E EXPANSÃO NO ESTADO DO PARÁ

Luciana Kinoshita

DOI 10.22533/at.ed.49820061015

CAPÍTULO 16..... 179

QUANDO A “PUREZA” DA LÍNGUA FORJA A “IMPUREZA” DOS FALANTES NÃO NATIVOS

Marildo de Oliveira Lopes

DOI 10.22533/at.ed.49820061016

CAPÍTULO 17..... 191

ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA ADULTOS OUVINTES NO CURSO INICIANTE DE LIBRAS

Cleusa Regina Cardoso

Luiz Antônio Zancanaro Junior

DOI 10.22533/at.ed.49820061017

CAPÍTULO 18..... 204

MAPEAMENTO DOS ATENDIMENTOS REALIZADOS PARA SURDOS E SUAS ORIENTAÇÕES TEÓRICAS REALIZADOS NA CLÍNICA DE FONOAUDIOLOGIA DA UNICAP: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Mannix de Azevêdo Ferreira

Wanilda Maria Alves Cavalcanti

DOI 10.22533/at.ed.49820061018

SOBRE O ORGANIZADOR..... 214

ÍNDICE REMISSIVO..... 215

CAPÍTULO 1

MOVIMENTOS PARAFRÁSTICOS E POLISSÊMICOS NA DISCURSIVIZAÇÃO SOBRE SUJEITO E IDENTIDADE

Data de aceite: 01/10/2020

Maria Deusa Brito de Sousa Apinagé

Universidade Federal do Tocantins (UFT) –
Araguaína-TO
<http://lattes.cnpq.br/6646327752668783>

Janete Silva dos Santos

Universidade Federal do Tocantins (UFT) –
Araguaína-TO
<http://lattes.cnpq.br/6646327752668783>

RESUMO: Este artigo analisa processos de produção de sentidos de dizeres que projetam os sujeitos em certas categorias identitárias, problematizando-se, na análise em pauta, como as relações entre cores são ajustadas, desestabilizadas e ressignificadas na mobilização de imaginários sócio-historicamente construídos, pontuando assim filiações ideológicas por parte de quem (re)formula ou emite os enunciados. Nosso objetivo é compreender o funcionamento discursivo da materialidade significativa selecionada, proferida no acontecimento discursivo que tomamos como foco da análise. Por conta disso, partimos de uma abordagem à luz de dispositivos teórico-metodológicos da Análise de Discurso de linha francesa, como memória discursiva, processos de paráfrase e polissemia e efeito metafórico, esmiuçado por Eni Orlandi, aqui no Brasil, calcada em uma discussão sobre a relação entre o texto e o discurso. As reflexões produzidas no percurso de análise apontam como os sentidos se constroem continuamente e não se fecham, numa relação entre a repetição e

a possibilidade de o sentido ser outro, visto que, neste caso específico, a materialidade, por nós recortada, está sujeita sempre a novas leituras e interpretações.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de discurso, direitos humanos, sujeito, identidade.

PARAPHRASTIC AND POLYSEMIC MOVEMENTS IN THE DISCURSIVIZATION ABOUT SUBJECT AND IDENTITY

ABSTRACT: This article analyzes processes of producing meanings of words that project subjects into certain identity categories, problematizing, in the analysis in question, how the relations between colors are adjusted, destabilized and re-signified in the mobilization of socio-historically constructed imaginary, thus punctuating ideological affiliations by those who (re)formulate or issue statements. Our goal is to understand the discursive functioning of the selected significant materiality, expressed in the discursive event that we take as the focus of the analysis. Because of this, we start from an approach based on the theoretical and methodological devices of Discourse Analysis of the French line, such as discursive memory, processes of paraphrase and polysemy and metaphorical effect, scrutinized by Eni Orlandi, here in Brazil, based on a discussion about the relationship between text and speech. The reflections produced in the analysis path point out how the meanings are continuously constructed and do not close, in a relationship between repetition and the possibility of the meaning being different, since, in this specific case, the materiality, cut out by us, is always subject to new readings and interpretations.

KEYWORDS: Discourse analysis, human rights, subject, identity.

1 | INTRODUÇÃO

As relações sociais, que se estabelecem pela linguagem, estão inseridas em práticas discursivas que acionam e confrontam formações ideológicas, cujos efeitos (entre os interlocutores) estão sujeitos a uma série de fatores que articulam o linguístico e o extralinguístico (ORLANDI, 2011). Tais questões são foco de discussão no Grupo de Estudos Tocantinense de Análise de Discurso (GETAD), bem como em disciplinas ministradas pela linha (03), Práticas discursivas em contexto de formação, no âmbito do PPGL-UFT. Desse modo, como resultado de estudos e debates no contexto acima descrito, este artigo apresenta reflexões sobre os processos de produção de sentidos do enunciado “Menino veste azul e menina veste rosa”, proferido no contexto comemorativo de posse de um dos membros do ministério do governo brasileiro, vitorioso na eleição de 2018. Interessamos compreender o funcionamento discursivo dessa materialidade significativa que, como materialidade linguística, reverbera discursos que categorizam o lugar social dos sujeitos não apenas pelo vestuário, mas pelo uso de cores condicionadas socialmente por grupos dominantes, por isso inscreve-se em formações discursivas que se contrapõem às atuais desestabilizações de identidades, construídas a partir das noções de gênero. Identidades antes acomodadas em uma visão clássica que relaciona “harmoniosamente” as estruturas humanas biológica e psicológica à estrutura sociológica, sem admitir conflitos ou negações.

Socialmente há toda uma discursividade sobre cores que enquadram os sujeitos em grupos distintos, com efeitos ora favoráveis, ora desfavoráveis, a depender do grupo discursivizado e de quem sobre ele enuncia. Nessa perspectiva, procuramos, a partir de conceitos teóricos da Análise de Discurso (AD) de linha francesa, mostrar algumas de suas contribuições como teoria de leitura que pode ser aplicada a diferentes textos, em específico, neste artigo, com a ideia de compreensão e interpretação.

Nesse sentido, tomamos, a partir da AD francesa, dispositivos como memória discursiva, processos de paráfrase e polissemia e efeito metafórico, amplamente problematizados, no Brasil, por Eni Orlandi e filiados, imbricados na reflexão sobre a relação entre o texto e o discurso.

A partir dos conceitos teóricos referentes à AD, esta análise se propõe a trazer reflexões sobre os processos de produção dos sentidos do enunciado “Menino veste azul e menina veste rosa”, proferido pela ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, por ocasião da assunção da pasta no quadro do atual governo, cuja posse se deu em janeiro de 2019, com o objetivo de compreender o funcionamento discursivo dessa materialidade significativa.

Nessa perspectiva, procuramos mostrar as contribuições da Análise de Discurso como teoria de leitura que pode ser aplicada a diferentes textos, em específico, neste trabalho, com a ideia de interpretação e de compreensão. Destarte, além desta introdução e das considerações finais, dividimos nossa discussão em duas seções, a saber: (i)

Considerações sobre memória discursiva, paráfrase, polissemia e efeito metafórico; (ii) Os efeitos de sentido no enunciado: “Menino veste azul e menina veste rosa”. Assim, nossa análise recai sobre os movimentos parafrásticos e polissêmicos de enunciados que implicam posições ideológicas de entes públicos que podem impactar a vidas de sujeitos pertencentes a grupos que reivindicam liberdade na construção e na assunção de suas identidades de gênero.

21 CONSIDERAÇÕES SOBRE MEMÓRIA DISCURSIVA, PARÁFRASE, POLISSEMIA E EFEITO METAFÓRICO

No âmbito da Análise de Discurso (AD) aqui mobilizada, temos que a memória é constitutiva da produção do discurso e refere-se, em sentido amplo, ao interdiscurso, definido, por Orlandi (2005, p. 31), “como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível”. Em outras palavras, podemos dizer que a memória discursiva, como memória social, é o que possibilita ao sujeito constituir-se como tal ao tomar a palavra, ao enunciar a partir de já-ditos esquecidos e mobilizados por sua formação discursiva (FD). Implicado pelas formações ideológicas, o Interdiscurso, por sua vez, constitui-se na relação entre um enunciado com outro(s) a partir da posição-sujeito que enuncia, visto referir-se a formulações já produzidas, isto é, repetições em forma de paráfrases ou citações.

É por meio do interdiscurso, ou da memória discursiva, guardadas suas especificidades apontadas acima, que as palavras que dizemos fazem sentido, pois seus significados são provenientes de outros dizeres que se encontram armazenados em nossa memória (acionada de modo não consciente, dados os esquecimentos constitutivos da prática discursiva e que com outros dizeres se relacionam), os quais vêm à tona com outras palavras a cada enunciado produzido. Há, portanto, uma relação entre o já dito e o que está sendo enunciado.

No caso da nossa proposta de análise, ao pensarmos nos sentidos possíveis de serem construídos com base no enunciado, “Menino veste azul e menina veste rosa”, apropriamos-nos de discursos já proferidos na historicidade acerca da ideologia de gênero. Em outras palavras, resgatamos experiências passadas, que podem ser reconhecidas nos discursos presentes. Nosso dizer parte de um já-dito, que é esquecido e passa a habitar em nossa memória discursiva, sem que tenhamos consciência disso.

Quando pensamos, discursivamente, o enunciado: “Menino veste azul e menina veste rosa”, consideramos os processos parafrásticos e polissêmicos. Ou seja, o mesmo e o diferente, o já-dito e o a se dizer.

Os processos parafrásticos, segundo Orlandi (2005, p. 36), “são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase

representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado”. Já nos processos polissêmicos, para Orlandi (2005, p. 36) “o que temos é deslocamento, ruptura de processo de significação. Ela joga com o equívoco”.

Esses dois processos jogam entre o mesmo e o diferente, entre o já-dito e o a se dizer e, nesse jogo, movimentam os sujeitos e os sentidos. Por isso, dizemos que sujeito, sentido e discurso não estão “prontos e acabados”, mas estão em um processo contínuo de construção e reformulação.

Levando em consideração o enunciado em análise: “Menino veste azul e menina veste rosa” e seus efeitos de sentidos entre a repetição e o diferente, vemos que esses sentidos se estabilizaram ao longo de um percurso que já não temos mais acesso, mas que significam em nós ou que retornam e deslizam para outros campos de significação, construindo novos e diversos sentidos.

Para Orlandi (2005, p. 79), “A metáfora é constitutiva do processo mesmo de produção de sentido e da constituição do sujeito. Falamos da metáfora não vista como desvio mas como transferência”. Há deslocamentos, ou seja, outros possíveis sentidos, lugares para diferentes interpretações, nesse processo de transferência. O efeito metafórico afeta tanto o diferente quanto o mesmo. Ao ser questionada sobre o pronunciamento do enunciado “Menino veste azul e menina veste rosa”, a ministra afirma, em entrevista aos jornais, que fez uma metáfora contra a “ideologia de gênero”. Mas este enunciado seria mesmo uma metáfora e qual o sentido, aí, de metáfora? Na seção a seguir, analisaremos os efeitos de sentido produzidos no enunciado “Menino veste azul e menina veste rosa” que constitui o *corpus* deste trabalho.

3 | OS EFEITOS DE SENTIDO NO ENUNCIADO: “MENINO VESTE AZUL E MENINA VESTE ROSA”

Em um vídeo gravado logo após assumir o cargo no dia 2 de janeiro de 2019, a ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos afirma: “Atenção, atenção! É uma nova era no Brasil. Menino veste azul e menina veste rosa!”. Após aplausos e gritos de apoio, a ministra repete o enunciado. O vídeo repercutiu em muitos veículos de comunicação, destacando a enorme reação na internet.

No âmbito da AD sabemos que o discurso não é neutro, nem ingênuo, ele é carregado de sentidos. Segundo a ministra, o intuito foi de se declarar contra a “ideologia de gênero” e doutrinação das crianças nas escolas, mas, para muitos, a ministra suscita um retrocesso ao proferir este enunciado, reforçando, na projeção identitária dos sujeitos, os estereótipos de gênero, levando à reprodução de padrões já estabelecidos e à intolerância presentes na escola.

Após a repercussão e as críticas relacionadas à sua fala, a ministra reagiu à publicação e, ao Estado, justificou que seu objetivo foi, de fato, fazer uma declaração contra a “ideologia de gênero”, referindo-se à sexualidade das crianças: “Fiz uma metáfora contra a ideologia de gênero, mas meninos e meninas podem vestir azul, rosa, colorido, enfim, da forma que se sentirem melhores.”

Segundo a ministra, o que ela fez foi uma metáfora contra a ideologia de gênero. Mas este enunciado seria mesmo uma metáfora para a ministra, pensando-se o quadro da estilística? Qual o sentido de metáfora por ela mobilizado em sua justificativa? A metáfora, nos estudos estilísticos, é uma figura de linguagem muito usada no dia a dia, um recurso semântico que consiste em comparar duas coisas que mantenham relação de semelhança entre elas, mas de maneira implícita. Difere de outra figura de linguagem chamada comparação, por esta ser explícita e apresentar componentes linguísticos comparativos.

Desse modo, podemos dizer que a ministra não usou uma metáfora no sentido corrente, estilisticamente falando. Assim, ao comparar o enunciado com uma metáfora nos termos meramente estilísticos, ela procura suavizar o impacto causado pelo seu pronunciamento, o que na verdade aproxima seu dizer, do ponto de vista estilístico, mais à figura de linguagem conhecida como eufemismo, que se caracteriza pela substituição de palavras ou de expressões mais amenas com o objetivo de suavizar a mensagem, torná-la menos chocante. Termos rudes são trocados por palavras mais brandas, permitindo falar de coisas desagradáveis de uma forma melhor, embora o sentido essencial permaneça inalterado, implicando, do ponto de vista discursivo, em configuração de uma posição-sujeito em embate a outras posições-sujeito mas com efeito menos agressivo.

Ao chamar a atenção do público presente, ela salienta: “Atenção, atenção! É uma nova era no Brasil”. Ao se referir a “uma nova era”, fica pressuposto que o que havia antes, no governo anterior, era “uma velha era” e que agora, no atual governo, “as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo”, discurso religioso que orientaria a posição-sujeito da ministra no plano material. Em seguida, vem a segunda parte do enunciado: “Menino veste azul e menina veste rosa”. Ou seja, nessa “nova era” no Brasil, meninos se vestirão de azul e meninas se vestirão de rosa, para identificar-se com o respectivo gênero, delimitado como distintos e não-intercambiáveis pela discursividade que constitui Damares como ministra.

Culturalmente, na tradição clássica, quando vemos uma família com uma criança, quando visitamos um recém-nascido, quando vamos a um chá de revelação, não precisamos perguntar qual é o sexo do bebê, porque a resposta já nos é dada por meio das cores azul ou rosa. Nas festas de aniversários infantis, dificilmente iremos ver a decoração em tom de rosa para menino ou de azul para menina. Na verdade, não se trata de um padrão exclusivamente infantil: basta ir às lojas e veremos os presentes para homens sendo embrulhados em caixas azuis e os presentes para mulheres sendo embrulhados em caixas rosas. Nas campanhas contra o câncer de mama e de próstata as cores, também, fazem referência ao sexo, quando nominam “outubro rosa” para prevenção do câncer de mamas

e “novembro azul” para a prevenção do câncer de próstata. Mas por que os meninos têm que usar azul e meninas, rosa?

Pesquisas na área da psicologia infantil destacam que não há qualquer evidência que confirme a preferência das crianças de cada gênero por essas cores até aos dois anos e meio de idade. A partir daí, se eles preferem ou não azul e se elas preferem ou não rosa, tem-se também como motor a interferência ou a orientação familiar, afetada pela cultura, pelo comportamento de toda sociedade ou de grupos específicos dela. Aliás, essa preferência pode ser explicada por vários motivos, dentre eles, a influência dos adultos, *marketing*, mas não tem a ver com biologia ou com psicologia. Até o século XIX, meninos usavam rosa, por ser uma cor forte, associada ao vermelho, e as meninas usavam azul, por ser uma cor delicada. A partir do século XX, houve um deslocamento no sentido das cores e quem poderá dizer quais serão as cores “convencionais” daqui a alguns anos? Ou seja, o enunciado proferido pela ministra é fruto de uma construção social, do já-dito por outras pessoas em outros lugares, mas que está significando, agora, uma divisão clássica da paleta de cores e comportamento social, de acordo com sua crença, ou crença de grupos, majoritários ou não, para representação dos gêneros masculino e feminino. Mas não meramente por isso, mas como modo de enfrentamento de discursos desafiadores do *status quo*.

Assim, cor não é o que importa, mas o sentido que é construído a partir da oposição posta na paráfrase construída, apontando apenas duas possibilidades em sua formulação, mas, na verdade, no enunciado em análise, “Menino veste azul e menina veste rosa”, há inúmeras possibilidades de outros dizeres não ditos, mas que aparecem de forma implícita, pois, como mostra nosso dispositivo teórico, a linguagem se produz na relação entre paráfrase e polissemia, isto é: “há um retorno constante a uma mesmo [sic] dizer sedimentado - a paráfrase - e, de outro, há no texto uma tensão que aponta para o rompimento” (ORLANDI, 2011, p. 27), como por exemplo, nas formulações abaixo, nas quais diferentes aspectos (ludicidade, estética, etiqueta, sentimentos, cognição etc.) são mobilizados para estabelecer contrapontos entre o que competiria ao menino e à menina, ao homem e à mulher, caracterizando o gênero dos sujeitos conforme imaginários construídos socio-historicamente, configurando resistência a outras interpretações, mas que, todavia, a depender das condições de produção, podem produzir sentidos outros, pautando questões para além da aqui focada:

- a) Menino/homem brinca com carrinho e menina/mulher brinca com boneca;
- b) Menino/homem joga futebol e menina/mulher faz *ballet*;
- c) Menino/homem usa cabelo curto e menina/mulher usa cabelo comprido;
- d) Menino/homem faz xixi em pé e menina/mulher faz xixi de cócoras;
- e) Menino/homem é forte e menina/mulher é sexo frágil;
- f) Menino/homem assiste a jogo e menina/mulher assiste à novela;
- g) Menino/homem trabalha fora e menina/mulher cuida da casa;

- h) Menino/homem é da área de exatas e menina/mulher é da área de humanas;
- i) Menino/homem fala somente o essencial e menina/mulher fala demais;
- J) Menino/homem é bruto e menina/mulher é sensível.

Partindo desse processo parafrástico, vimos a infinidade de “não-ditos”, mas que foram “ditos”, por meio deste enunciado, e o quanto eles significam na sociedade patriarcal em que vivemos. Vimos, também, o efeito metafórico produzido pelo deslize, pela deriva, pelo deslocamento, ou seja, o movimento polissêmico funcionando através dos possíveis outros, possibilitando inúmeras leituras e interpretações, visto que, como explica Orlandi (2011, p. 17): “Há um conflito entre o que é garantido e o que tem de se garantir. A polissemia é essa força na linguagem que desloca o mesmo, o garantido, o sedimentado.”.

Tomemos, por exemplo, das ocorrências acima, a (d), “menino/homem faz xixi em pé e menina/mulher faz xixi de cócoras”. Esta traz um enunciado que não deixa de pautar a distinção, a partir de uma visão biológica clássica, entre menino/homem e menina/mulher, e que, no bojo, também produz efeito de superioridade entre o menino/homem e a menina/mulher, dada a posição de comando do homem (em pé) e a posição de submissão da mulher (de cócoras) no ato biológico de excretar a urina. Todavia, se dito no contexto da construção civil (atualizando-se, por adequação ao contexto, cócoras por sentada), cujo propósito vise a regular decisões referentes à estrutura de sanitários em banheiros públicos, o imaginário acerca do que compete ao comportamento de menino/homem e de menina/mulher se mantêm, apoiando-se, porém, não mais em cor de vestuário, mas a partir de parâmetros também biológicos. Teríamos o funcionamento da linguagem, pondo o movimento parafrástico em relevo, mesmo com deslocamentos (polissemia).

Entretanto, sendo o enunciado proferido nessas condições, por enunciador nesse contexto específico da engenharia civil, que, em tese, não estaria imbuído do desejo de ditar regras sobre identidade de gênero, ou seja, não teria o propósito de categorizar (diferença) ou de impor comportamento diferenciado a meninos e a meninas por perspectivas inflexíveis sobre um e outro, apesar de indiretamente reforçá-lo, produziria também outro efeito bem distinto, isto é, o de justificar adequação de estrutura física às necessidades dos sujeitos sócio-historicamente relacionados a modos aprendidos de comportamento social em conformidade com as possibilidades mais naturalizadas de sua biologia. Ou seja, em vez de atitude discursiva de imposição, teríamos, nessa prática discursiva no âmbito da engenharia, prioritariamente uma atitude de adequação ou de respeito a modos bio-comportamentais dos sujeitos. O dizer, assim, não se efetivaria como uma afronta a grupos sociais, negando suas demandas. Provavelmente, neste caso, a paráfrase sofreria acomodações em sua versão efetivada nessa outra condição, tal como, por exemplo: “como menino (homem) faz xixi em pé e como menina (mulher) faz xixi sentada, usaremos este tipo de vaso”.

Ou seja, teríamos o movimento polissêmico em realce, mesmo com a retomada (paráfrase), pois a questão seria outra, distinta do propósito assumido e do efeito produzido

pelo enunciado parafrástico (menino veste azul e menina veste rosa) da representante de uma pasta ligada a essa questão de gênero, já que direitos humanos inclui o direito das minorias, no qual o apelo de grupos sociais ao direito de assunção sem discriminação de identidade de gênero não conservadora aí está implicado. E a ministra, como agente institucional, opõe-se às atualizações nas identidades de gênero presentes no debate público. Observa-se, assim, que são as condições de produção do acontecimento discursivo que vão regular os efeitos de sentido dos enunciados entre os interlocutores (PÊCHEUX, 2012), pois produzidos e dirigidos por/a diferentes sujeitos, acionando formações discursivas convergentes e/ou conflitantes, com objetivos específicos, cuja leitura depende das referências do leitor, assim como, para o analista de discurso, o trabalho de compreensão e de interpretação depende do dispositivo teórico por ele mobilizado.

Desse modo, nessa representação parafrástica, há entre o ponto de partida e os pontos de chegada, deslizamento de sentidos, ou seja, efeitos metafóricos, que, ao mesmo tempo, aproximam-se e se diferenciam. Porém, essa diferença é ancorada em um ponto comum de deriva que aproxima os sentidos. Em outras palavras, podemos afirmar que existe um mesmo nessa diferença.

Outro fator importante a ser analisado no enunciado são as marcas linguísticas. Em “É uma nova era no Brasil”, o verbo pode ser interpretado como uma ordem. Ou seja, quem fizer o contrário do que está sendo determinado está descumprindo a regra. O tempo do verbo é o presente, o que, segundo Maingueneau (2013, p. 27), tem “uma duração muito variável”. Neste caso específico, presume-se que se refere a um período de quatro anos ou enquanto durar o período do atual governo.

Há, também, marcas de lugar e de tempo determinados que se encontram inseridos no enunciado. O lugar é no Brasil e o tempo se refere ao agora (ou de hoje em diante), ou seja, a “uma nova era”. O uso do artigo indefinido “uma” limita a quantidade e as possibilidades, além da pré-estabelecida, e indetermina o que seria essa “nova era”, o que só fica sugerido após a leitura da segunda parte do enunciado. Desse modo, entendemos que este enunciado possui marcas que se ancoram diretamente na situação da enunciação.

Interessante destacar que se, em vez de dizer “menino veste azul e menina veste rosa”, a ministra tivesse dito “Os meninos vestem azul e as meninas vestem rosa”, o sentido seria outro. No primeiro caso, devido à omissão do artigo definido, há uma generalização do substantivo, ou seja, todos os meninos, do sexo masculino, devem vestir azul e as meninas, do sexo feminino, devem vestir rosa. No segundo caso, devido à presença do artigo definido, o substantivo se torna específico, ou seja, somente os meninos que se identificam com o sexo masculino vestem azul e as meninas que se identificam com o sexo feminino vestem rosa.

Há, mais uma vez, um efeito imperativo, agora com o verbo vestir. Esse imperativo traz a ideia de imposição. Em “Menino veste azul e menina veste rosa” subjaz uma modalização deontica de obrigatoriedade, cuja formulação em estrutura clássica seria “menino *deve*

vestir azul e menina *deve* vestir rosa”, ou a mais comum na linguagem cotidiana: “menino tem que vestir azul e menina tem que vestir rosa. Não há possibilidades de menino vestir rosa e menina vestir azul, ou, indo mais além, não há possibilidades de meninos usarem outras cores além do azul e meninas usarem outras cores além da rosa.

Diante dessas considerações, fica marcado que “todo ato de enunciação pode constituir uma ameaça”. Seja uma ameaça ao interlocutor, seja ao locutor, ou, ainda, a ambos.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz das reflexões produzidas, no percurso de análise do enunciado: “Menino veste azul e menina veste rosa”, podemos perceber que os sentidos não se fecham, numa relação entre a repetição e a possibilidade de o sentido ser outro. No caso de nossa análise, entendemos que os sentidos produzidos a partir do enunciado em questão dão voz a uma memória de retrocesso e ruptura do que vem sendo pré-construído, tais como os direitos iguais entre homens e mulheres e “o lugar da mulher é onde ela quiser”.

Por fim, ratificamos que os sentidos se constroem, continuamente, e que sempre podem ser outros, visto que, neste caso específico, essa materialidade está sujeita sempre a novas leituras e interpretações. Ademais, entendemos que não é o simples conhecimento da gramática e do léxico da língua que nos permitem interpretar um enunciado, mas vários outros fatores exteriores à língua como, por exemplo, o acontecimento que faz irromper os enunciados, com seus movimentos parafrásticos e polissêmicos, no funcionamento da linguagem, bem como as filiações ideológicas de quem o profere e a quem este se dirige.

No caso em pauta, temos uma discursivização institucional, pela voz de comando de uma pasta, que administrará políticas públicas voltadas à mulher, à família e aos direitos humanos, aspectos imbricados entre si e torcidos no desejo de imposição de revisão de identidades de gênero dos sujeitos por ela (pasta) alcançados. Assim, entidades representativas da sociedade, interpeladas por esse acontecimento discursivo, isto é, o fato novo que organiza e atualiza memória (Pêcheux, 2012, p.19), manifestaram amplamente recusa ao posicionamento da ministra, travando novos espaços de luta pela atualização das identidades de gênero.

REFERÊNCIAS

MAINGUENEAU, D. **Análises de texto de comunicação**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2013.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento** – as formas do discurso. 6ª.ed. Campinas-SP: Pontes Editores, 2011.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 6ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 6ª ed. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2012.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ambientes Virtuais de Aprendizagem 131, 132, 135, 139

Aprendizagem 24, 29, 32, 41, 60, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 124, 125, 126, 131, 132, 133, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 151, 152, 153, 156, 158, 159, 162, 163, 180, 181, 185, 186, 187, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 202

B

Bakhtin 12, 21, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 160, 163

Blogs 47, 121

D

Discurso 1, 2, 3, 43, 46, 47, 51, 53, 55, 57, 58, 68, 70, 81, 83, 86, 90, 91, 96, 101, 102, 103, 105, 109, 110, 119, 121, 122, 123, 129, 130, 140, 179, 180, 186, 189, 190

Discurso Jurídico 57, 70, 72, 73, 81

Discurso Médico 53, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68

E

Ensino Médio 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 32, 112, 114, 119, 141, 142, 143, 144, 146, 148, 149, 150, 153, 156, 157, 161, 168, 169, 176

Escola 4, 25, 26, 33, 34, 37, 39, 41, 115, 121, 122, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 148, 149, 150, 153, 156, 157, 158, 160, 167, 168, 169, 170, 171, 177, 208, 214

Estrutura 2, 2, 7, 8, 9, 19, 25, 33, 38, 43, 44, 45, 47, 49, 50, 51, 66, 79, 90, 91, 101, 105, 117, 123, 160, 163, 178, 181, 192, 193, 196, 199, 202, 204, 206, 209

F

Fonoaudiologia 101, 204, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 213

G

Gênero Textual 24, 73

Gramática 9, 11, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 28, 31, 32, 33, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 79, 80, 161, 184, 196, 197

I

Identidade 1, 7, 8, 13, 49, 100, 137, 139, 179, 180, 181, 182, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 214

Ideologia 3, 4, 5, 43, 44, 45, 46, 52, 54, 55, 56, 58, 64, 66, 72, 83, 91, 106, 109, 122, 123,

129, 133, 137, 140, 183

L

Letras 2, 16, 21, 24, 62, 89, 90, 97, 100, 119, 130, 141, 143, 157, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 190, 199, 207, 214

Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 206, 207, 208, 210, 211, 212, 213

Língua Inglesa 111, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 171, 181, 182, 184, 187, 189

Linguística 2, 2, 11, 19, 21, 22, 23, 33, 43, 48, 70, 71, 73, 76, 79, 81, 90, 91, 101, 105, 112, 115, 116, 121, 122, 123, 129, 163, 179, 180, 185, 187, 189, 190, 191, 193, 194, 195, 203, 206, 214

Literatura 10, 12, 13, 14, 15, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 40, 119, 168, 170, 214

Livros Didáticos 24, 25, 26, 27, 29, 183

Ludicidade 6, 159, 160, 161, 162, 163

M

Memória 1, 2, 3, 9, 53, 65, 67, 83, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 100, 115, 117, 123, 181, 184, 199, 210

N

Novas Tecnologias 44, 111, 112, 113, 115, 117, 118, 120, 121, 123, 129, 135, 140, 144, 151, 152, 153

P

Pronome 10, 13, 17, 18, 20, 21, 127, 135

S

Sociolinguística 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23

Sujeito 1, 3, 4, 5, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 72, 73, 79, 91, 94, 102, 103, 105, 106, 107, 109, 112, 113, 115, 117, 121, 122, 123, 124, 126, 127, 128, 129, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 143, 159, 181, 189, 206

Surdo 191, 193, 194, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 205, 206, 207

Letras e Linguística: Estrutura e Funcionamento 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Letras e Linguística: Estrutura e Funcionamento 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 